

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Ana Neri da Silva Fernandes

**LEIGOS E LEIGAS:
Além da Pastoral**

BACHARELADO EM TEOLOGIA

SÃO PAULO
2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Ana Neri da Silva Fernandes

**LEIGOS E LEIGAS:
Além da Pastoral**

Trabalho apresentado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – Campus Santana, como instrumento de avaliação de conclusão do curso de bacharelado em Teologia, sob orientação da Professora Ms. Rosana Manzini.

SÃO PAULO
2021

RESUMO

Há milhares de anos a humanidade cria religiões, forma Igrejas, comunidades e, nelas, ocorre a existência de pessoas que se dedicam ao estudo das relações entre Deus e homens, bem como às diversas funções e trabalhos necessários à evangelização. E é sobre eles (as) que nos referiremos nesse estudo, com o objetivo de mostrar o quanto sua presença atuante, tende a ser cada vez mais necessária. Não só dentro das Igrejas, mas em outros ambientes, pois possibilita o diálogo com outras áreas de conhecimento gerando ganhos para ambos os lados. Mencionamos a importância de uma boa formação para todos os leigos, algo de extrema relevância para um apostolado bem fundamentado na Tradição, no Magistério e na Sagrada Escritura, sem deixar de dar atenção especial para a formação acadêmica dos leigos que assim o desejarem. Percorremos parte da história da Igreja Primitiva, a fim de tornar evidente que os leigos e leigas há muito deixaram de ser aqueles e aquelas que sabem pouco e adentraram pelos caminhos do conhecimento teológico, ampliando as possibilidades de atuação no ambiente eclesiológico e fora dele também. Concluímos mencionando a presença de Maria, a primeira leiga, para dizer que como ela todos podemos dar testemunho de fé e ardor missionário, para com nossas vidas expressarmos o amor recíproco entre aquele que nos amou primeiro e nós mesmos. Um amor sem reservas, que atrai fortemente Icao serviço à Igreja, corpo místico de Cristo, para que o reino de Deus se torne realidade.

Palavras-chave: leigos; laicato; Igreja; teologia; missão.

ABSTRACT

For thousands of years humanity has created religions, forms Churches, communities and, in them, there are people who dedicate themselves to the study of the relations between God and men, as well as to the various functions and works necessary for evangelization. And it is about them that we will refer to in this study, with the aim of showing how much their active presence tends to be increasingly necessary. Not only within the Churches, but in other environments, as it enables dialogue with other areas of knowledge generating gains for both sides. We mention the importance of good formation for all lay people, something of extreme relevance to a well-founded apostolate in Tradition, the Magisterium and Sacred Scripture, while paying special attention to the academic formation of lay people who so wish. We have gone through part of the history of the Early Church, in order to make it evident that the laity and lay people have long ceased to be those and those who know little and have entered the paths of theological knowledge, expanding the possibilities of acting in the ecclesiological environment and outside it as well. We conclude by mentioning the presence of Mary, the first laywoman, to say that as she we can all bear witness to faith and missionary zeal, to express mutual love with us among the One who loved us first and ourselves. An unreserved love, which draws strongly to service to the Church, the mystical body of Christ, so that the kingdom of God may come true.

Keywords: lay people; laity; Church; theology; mission.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por tornar possível a realização deste sonho, colocando perto de mim pessoas dispostas a colaborar com esse projeto e me concedendo a graça da recuperação após um momento de extrema fragilidade física.

Agradeço ao meu esposo, que se manteve firme diante deste desafio, me transmitindo força e segurança a cada dificuldade e aos meus filhos, genro e nora que se prontificaram a ajudar nos “assuntos de informática” e sempre me agradeceram com muita paciência.

Agradeço, de modo especial, à Prof^a Ms. Rosana Manzini, da PUC-SP, pela orientação e incentivo.

Aos meus pais, Pedro Paulo e Maria do Carmo, pelas orações nos momentos mais difíceis, tornando tudo mais leve.

Muito obrigada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – UM AMOR QUE NÃO SE EXPLICA	11
1.1 Leigos e leigas: a vida na comunidade primitiva	11
1.2 A Igreja Primitiva: um período histórico.....	12
1.3 Missão e princípios.....	13
1.4 Diversidades de funções na Igreja primitiva.....	14
1.5 Algumas pedras no caminho.....	18
CAPÍTULO 2 – ESTAR NO MUNDO SEM SER DO MUNDO	19
2.1 A oração de Jesus.....	19
2.2 Vocação e missão dos leigos e leigas.....	20
2.2.1 Vocação.....	21
2.2.2 Missão.....	21
2.2.3 Chamados por amor, enviados para amar.....	22
2.3 Lançar as redes para águas mais profundas: a vocação do teólogo.....	23
2.3.1 Mas o que é teologia?.....	23
2.3.2 Fé, ciência e oração: na vida e na atuação de teólogos e teólogas.....	25
2.3.3 A formação do teólogo.....	26
CAPÍTULO 3 – As mãos amorosas de Deus no mundo	28
3.1 Leigos e leigas, laicato, povo de Deus.....	29
3.2 Santo Domingo e Aparecida	29
3.3 Movimentos e Pastorais: formas de expressão laical.....	30
3.4 Os jovens na Igreja	31
3.5 A comunidade: expressão de amor.....	33
CONCLUSÃO	36
BIBLIOGRAFIA	38
REFERÊNCIAS	39

SIGLAS E ABREVIATURAS

CNBB	Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia
CNBB	Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade
AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i>
DAp	Documento de Aparecida
DV	<i>Donum Veritatis</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
LF	<i>Lumen Fidei</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
VG	<i>Veritatis Gaudium</i>
VD	<i>Verbum Domini</i>

O mundo influencia a Igreja, oferece-lhe tentações, inspira desvios, impõe modelos de vida, a ponto de mundanizá-la. Daí a contínua necessidade de renovação e conversão. (Doc. 105 - CNBB)

INTRODUÇÃO

Como explicar a quem não tem o hábito de frequentar a igreja o que nos leva a realizar tantas tarefas sem remuneração? Alguns nos perguntam: “Vai estudar teologia por quê? Teologia paga as contas?” São perguntas que às vezes nos deixam sem reação, sem palavras. Para nós que estamos acostumados ao serviço na Igreja parece claro: estudamos teologia porque amamos nosso Deus, nossa Igreja, nosso povo...

Ainda assim, alguns se arriscam a nos perguntar se temos algum ganho financeiro. Talvez simplifique a resposta se dissermos que tudo que fazemos é por amor. E mesmo parecendo uma resposta simples, que deveria ser suficiente para gerar compreensão, quando notamos as expressões de espanto e admiração fica claro que, para alguns, talvez fosse necessário um pouco mais de explicação.

Quando Paulo fala sobre o amor em 1Cor 13,1-7, percebemos o quanto o amor rege toda a dinâmica do que acontece na Igreja. Homens e mulheres – leigos e leigas – doam seu tempo, sacrificam seus finais de semana, feriados com suas famílias, pelo simples fato de estarem recebendo de Deus um amor que os impulsiona à doação de si no trabalho pastoral da Igreja.

Por amor a Deus, de onde vem a força para seguir em frente, vão vencendo quaisquer obstáculos que possam surgir. Pois nada é tão fácil quanto possa parecer, nem tão simples; mas tudo que se faz por amor, na Igreja, permanece.

O objetivo inicial deste trabalho era justamente apresentar a teologia como uma profissão capaz de gerar renda e pagar contas. Mas nas primeiras pesquisas tornou-se evidente que isso era desnecessário, uma vez que o ser Igreja, povo de Deus, vai muito além de qualquer coisa. E isso não tem preço.

Sendo assim, nosso objetivo principal passou a ser evidenciar a importância da atuação dos leigos e leigas na Igreja e na sociedade, sua formação em nível acadêmico como forma de melhor atender às necessidades de evangelização e de expressão do potencial desses homens e mulheres que atuam dentro e fora da Igreja.

Para isso, no primeiro capítulo desse trabalho, optamos por visitar a Igreja Antiga em sua forma inicial, primitiva, para entendermos como e quando começou-se a usar o termo

“leigo” na Igreja e qual seu significado; sem deixar de lado detalhes como princípios e funções nas primeiras comunidades.

No segundo capítulo, pareceu-nos pertinente apresentar o cuidado e a preocupação da Igreja em relação à formação dos teólogos, expressa na Instrução *Donum Veritatis*, sobre a vocação eclesial do teólogo.

No terceiro capítulo evidenciamos o laicato como forma de expressão dos leigos e leigas, o Conselho Nacional de Leigos do Brasil (CNLB) e seu incentivo e preocupação, também, com a formação integral dos leigos e leigas, definimos movimentos e pastorais.

Diante da realidade que se nos apresentou ao consultarmos fontes para a elaboração deste trabalho, percebemos, aos poucos, que toda a história da Igreja vai muito além das pastorais. Muito além do que alguns veem quando participam, por exemplo, de uma reunião para os pais das crianças da catequese.

Toda a história do laicato, tudo que se possa dizer sobre a formação dos leigos e leigas, bem como dos teólogos (as), está além do trabalho pastoral. Então surgiu o Título do trabalho que tem-se em mãos. Escolhemos o método ver, julgar e agir como referência para o nosso estudo: “Leigos e Leigas: além da pastoral”.

CAPÍTULO 1 - UM AMOR QUE NÃO SE EXPLICA

1.1 Leigos e Leigas: a vida na comunidade primitiva

Nossa Igreja nem sempre esteve estruturada da forma como vemos atualmente. Mas, desde o início de sua história, podemos perceber a existência de homens e mulheres que colaboravam, como podiam, para garantir a manutenção da comunidade.¹

A convivência entre as pessoas – primeiros cristãos –, os ensinamentos que recebiam dos Apóstolos, e o testemunho de vida que davam geravam fraternidade, comunhão e, gradativamente, deram origem às primeiras comunidades cristãs – formadas pelos Apóstolos e os primeiros discípulos, e por aqueles e aquelas recém convertidos(as), vindos tanto do meio gentílico quanto do judaísmo, que se tornaram seguidores de Cristo.

É bom lembrarmos um pouco da história da Igreja na época das primeiras comunidades, ainda que brevemente, para podermos entender que o termo leigo tem sua origem dentro do processo de evolução da Igreja. Algumas questões que serão apresentadas neste capítulo serão importantes para conhecermos um pouco mais sobre esse processo.

Alguns estudiosos indicam o dia de Pentecostes - a descida do Espírito Santo sobre os discípulos - como o início da comunidade primitiva em Jerusalém. Era um grupo pequeno, muito fervoroso, que recebia ensinamentos diretamente daqueles que tinham convivido pessoalmente com Jesus. Vemos isso no texto de Atos dos Apóstolos (2,42), que exemplifica claramente o modo de vida dos cristãos: “eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraternas, fração do pão, e às orações.”

A carta a Diogneto, também nos apresenta a forma como viviam os cristãos:

“Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros (...). Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis (...) são pobres, e enriquecem a muitos; carecem de tudo e têm abundância de tudo”.²

Como podemos perceber, ainda que levassem uma vida simples, comum, o jeito de ser dos primeiros cristãos era distinto do restante da sociedade na qual estavam inseridos.

¹ Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado do leigo

² Carta a Diogneto. Padres Apologistas. Tradução Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1999.

Isso, naquela época, certamente, causou em alguns admiração e, em outros, estranheza, porque seu jeito novo de ser e agir chamava atenção.

Ainda assim, o grupo atraiu pessoas e foi se expandindo. Recebia da população, local vários nomes: o “caminho”, “os Doze”, “os Santos” e “a Igreja”. Tornou-se respeitável, sendo distinguido dos demais pelo batismo. Comunidade: era a forma como eles viviam.³

1.2 A Igreja Primitiva: um período histórico

Salvador Pié-Ninot (1998) nos explica que a fase de formação da “*Igreja primitiva*”, pode ser apresentada em três períodos: período apostólico; período subapostólico; período pós-apostólico. Períodos sobre os quais faremos breves comentários, baseados em suas informações.

No período de 30-65 d.C. – *período* apostólico - devido à grande importância dos apóstolos em sua formação, a comunidade primitiva se reunia para a oração, fração do pão, ouvir os ensinamentos dos apóstolos e colocava seus bens em comunhão (At 4, 32-34).

Eram pessoas simples, que levavam uma vida comum e ainda frequentavam as sinagogas. Enquanto crescia, a comunidade foi ganhando identidade própria e se estruturando. Foi preciso cuidar dos pobres, das viúvas, dos órfãos e organizar missões.

Como exemplo dessas missões podemos citar as viagens realizadas por Paulo - por volta do ano 46 d. C. - como ele mesmo nos conta:

“Fiz muitas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar.”⁴

As estradas e as cidades por onde Paulo passava compunham um ambiente perigoso, ainda que Paulo não andasse sozinho. Carlos Mesters nos conta que:

“Só as grandes estradas do Império possuíam hospedarias a cada trinta quilômetros para oferecer segurança aos viajantes. Nas outras estradas a segurança era pouca. Por isso, havia até empresas que, a troco de um bom pagamento, ofereciam proteção nas viagens. Paulo não tinha nada disso: ia com Deus e com os amigos; enfrentava perigos de todo tipo.”⁵

³ PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*; tradução de João Paixão Netto. 2.ed. São Paulo. SP: Edições Loyola, 1998.

⁴ 2 Cor 11,26-25

⁵ MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho*. 1. ed. São Paulo. Paulus, 1991. (Coleção por trás das palavras).

Os desafios eram muitos e, além das missões, surge a necessidade de unificar, na Igreja primitiva, as ideias dos que propunham, por exemplo, condições sobre como deveria ser a admissão dos gentios entre os cristãos. Eram os judaizantes. Um grupo que queria impor aos cristãos gentios as leis mosaicas como requisito para que se tornassem cristãos. Hoje, sabemos que essa situação se resolveu no Concílio de Jerusalém (Antioquia) em meados do século I

A partir de 66 d.C. temos o período *subapostólico*, considerado como um período de transição, no qual as comunidades já existentes, têm como característica - entre outras - o fato de se manterem sob o “*manto dos apóstolos*”. Foi um período de transição onde “o testemunho cristão assumiu uma característica mais pastoral e menos missionária, para consolidar as Igrejas estabelecidas no período anterior”.⁶

É neste período que Paulo dá maior atenção à evangelização dos gentios, após se deparar com a dura realidade de que os judeus, aos quais a mensagem do Evangelho era destinada inicialmente, a rejeitaram.

Com a destruição de Jerusalém e o fechamento das sinagogas aos judeu-cristãos que, aos poucos, passaram a ser vistos como seita e abandonam definitivamente o vínculo com o judaísmo, criam um outro jeito de ser cristão.⁷

No período *pós-apostólico* (100-150) intensificam-se as perseguições do Império Romano. E a movimentação das missões em relação “às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt 10,6) e “a que chega a todas as nações” (Mt 28,19).

1.3 Missão e princípios

Ao observarmos a Igreja primitiva, notamos que nela se destacava o forte desejo de cumprir a missão deixada por Jesus, aos apóstolos, como nos conta o Evangelho segundo Mateus: “¹⁹Ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ²⁰ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei...” (Mt 28,19-20).

⁶ PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Eclesiologia*; tradução de João Paixão Netto. 2.ed. São Paulo. SP: Edições Loyola, 1998, p.55.

⁷ Idem n.6, p. 56

O “mundo” precisava ouvir o anúncio da Boa-Nova da salvação e, os apóstolos, testemunhas vivas do anúncio realizado pelo próprio Jesus - assumiram a missão de transmitir-lhe algo que eles haviam experimentado pessoalmente. A missão dos apóstolos tornou-se a missão da Igreja, naquele momento e estendeu-se até os tempos atuais.

Movidos pelo Espírito Santo, sua mensagem convertia pessoas em diferentes situações de vida, por todos os lugares aonde iam. Os convertidos eram acolhidos, batizados e tornavam-se discípulos do Senhor, dando testemunho com suas vidas. A linguagem simples e direta dava vida às pregações.

Ney de Souza, renomado teólogo, esclarece que a Igreja primitiva possuía alguns “princípios: em relação a Deus; em relação ao mundo; em relação à comunidade”. Estes princípios “lhe garantiam estabilidade e equilíbrio para que cumprisse sua missão”. Consistiam em: “perseverar na doutrina, na comunhão, no partir do pão e nas orações”. Podemos encontrá-los na Escrituras, especialmente em Atos dos Apóstolos.⁸

Casais como Áquila e Priscila ajudavam a sustentar a missão (cf. Rm 16,3-5). Como parte da Igreja, tinham certeza de que era preciso partilhar tudo o que pudessem. E assim o faziam.

A Igreja se reunia nas praças, nas casas, gastava tempo com as pregações. Seu plano de ação era sua vivência comunitária, seu modo de ser.⁹ Esse é um dos motivos pelos quais *falar de comunidade dentro do cristianismo é tão importante: são comunidades de fé e nelas buscamos o alimento espiritual para o nosso crescimento e fortificação,*¹⁰ entre outras coisas.

1.4 Diversidades de Funções na Igreja Primitiva

Encontramos referências à existência de algumas funções específicas nas comunidades primitivas geradas, talvez, pela necessidade de organização. Por exemplo: os vários dons e carismas na Primeira Carta aos Coríntios (12, 4-11); os episcopos e diáconos”

⁸ SOUZA, Ney. Princípios e práticas fundamentais de uma Igreja cristã saudável. Disponível em: https://www.creativecommons.org/by/4.0/deed.pt_BR acesso 16/jul./2021.

⁹ Disponível em: <https://www.a12.com/redação/a12/história-da-igreja/as-primeiras-comunidades>. Acesso: 15/jun./2021.

¹⁰ Idem n.8.

citados na saudação da carta à comunidade em Filipos (cf. Fl 1,1) e, também, os profetas, evangelistas, presbíteros e mestres em Ef 4,11.

Enquanto os obreiros, episcopos e diáconos cuidavam de tudo que tivesse relação com o que é material, organizacional, recursos financeiros e humanos, os Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores, e Mestres, cuidavam daquilo que é espiritual: levar o recém-convertido a alcançar a semelhança da maturidade e estatura de Cristo. O apóstolo fundamentava o novo convertido no evangelho, o pastor ensinava esse novo convertido a manter relacionamento com a oração e a palavra, o profeta vinha e mostrava o que estava errado, direcionava em como sair do erro, e consolava com a verdade do evangelho, quando esse novo convertido ia se tornando maduro, o mestre lhe instruía no seu chamado específico para que ele então fosse levado ao serviço espiritual dentro dos cinco ministérios.¹¹

Mas não podemos esquecer que a liderança dos apóstolos, os quais haviam recebido a missão de evangelizar, diretamente de Jesus foi fundamental para o crescimento da Igreja. Destacamos, entre eles, Pedro, Paulo e Tiago.

Os Apóstolos exerciam sua autoridade como serviço à comunidade. Impunham as mãos para constituir seus representantes nas comunidades fundadas e, conforme o Pe. Inácio de Medeiros C.Ss.R. explica, “Ihes conferiam autoridade para o governo da comunidade e serviço litúrgico. São os apóstolos quem escolhem os diáconos.”¹²

Um serviço que não podemos deixar de mencionar é o das mulheres na Igreja primitiva. Entre elas encontramos: Dorcas (At 9,36), Priscila (At 18,26), Lídia (At 16,14-15), Maria, mãe de João Marcos (At 12-12), as filhas de Filipe (At 21,9), Febe (Rm 16,1), Evódia e Síntique (Fl 4,2-3), entre outras.

Um grupo de mulheres que tinha uma importância especial na igreja daquela época eram as viúvas. Como era costume os homens mais velhos se casarem com mulheres muito mais novas, elas frequentemente ficavam viúvas numa idade ainda muito jovem. O Novo Testamento já falar a respeito de como cuidar destas viúvas (1Tm 5,3-16).¹³

A participação ativa das mulheres na vida das comunidades nos mostra que nelas, a igualdade era uma realidade e, tanto os homens, quanto as mulheres, estavam muito comprometidos com a missão de evangelizar e buscavam atender às necessidades da comunidade em todos os sentidos.

¹¹ FIGUR, André G. Disponível em: <https://www.theokratos.org/post/2018/09/17/a-funcionalidade-dos-minist%C3%A9rios-na-igreja-primitiva> – acesso em 07/jul./2021.

¹² MEDEIROS, Pe Inácio. Disponível em: <https://a112.com/redacao/2/historia-da-igreja/as-primeiras-comunidades-e-a-formacao-da-igreja>; acesso em 07/jul./2021.

¹³ Disponível em: <https://www.revistaimpacto.com.br/biblioteca/historia-da-igreja-parte-11-o-ministerio-da-mulher-nos-primeiros-seculos> acesso em: 09/jul./2021.

Além da preocupação para com os necessitados, podemos notar que, nesse período, as comunidades eram prestativas umas com as outras e, mesmo que sofresse com perseguições e martírio, entre outros acontecimentos, elas seguiam em frente, sem se “deixar levar” pelos costumes pagãos, mesmo estando inserida numa sociedade com costumes um tanto divergentes dos ideais cristãos.

Até aqui não notamos a presença do termo "leigo" – utilizado para designar uma "função" específica, como episcopos e diáconos, por exemplo. Talvez porque, nesse primeiro momento da Igreja primitiva, a grande preocupação não era com os nomes das funções que eram exercidas na Igreja, mas, sim, com a evangelização. Sendo assim, o que podemos dizer sobre esse termo?

Dom Paulo Evaristo Arns nos explica, sucintamente, que:

"aos poucos, foi se impondo o termo leigo. Nos papiros e nas inscrições do culto grego anterior a Cristo, laos queria dizer *povo não iniciado*, ou seja, não especialmente consagrado a Deus (...) no século II da era cristã, *leigo* já passa a designar na Igreja o *não clérigo*.¹⁴

Ao nos depararmos com essa informação, nos vem à mente a percepção de que o termo leigo já existia, mas não era utilizado. Olhando para a comunidade primitiva, o que vemos, desde Pentecostes, é a presença de homens, mulheres, jovens, adultos e crianças que caminhavam juntos, unidos pela fé e pela missão de evangelizar.

Eram todos leigos, mas não se viam assim. Não se impunham esse “título”. Na verdade, sua preocupação era a vida na comunidade, com todas as suas implicações, ou seja, com todas as tarefas que fossem necessárias para o bem de todos e, com o tempo, das missões. O que importava era estar ali. Era fazer parte de algo que ia além de tudo que haviam experimentado em suas vidas: o *Ágape*.

No entanto:

A distinção entre Clero e fiéis tornou-se corrente, sobretudo depois da paz de Constantino, no início do século IV, quando Padres e Monges adquiriram bom número de privilégios.

Caminha-se, assim, aos poucos para o Direito de Graciano, que dominou o mundo durante séculos: “*duo sunt genera christianorum*”, isto é, existem dois tipos de cristão.

¹⁴ ARNS, Paulo Evaristo. *O que é Igreja*. Abril Cultural; Brasiliense, São Paulo, 1985.

De fato, já existiam três: os clérigos, os religiosos e os casados ou leigos. Entra, pois uma certa depreciação da última das três classes.¹⁵

Como visto a *depreciação* citada por Dom Paulo Evaristo Arns, acompanhou a história da Igreja por um bom tempo, tendo sido causada inicialmente, pela diferença cultural e social entre clérigos e leigos. Até que, pela ação dos próprios leigos e leigas, apoiados por *padres, bispos, cardeais e, também por alguns Papas, a reabilitação* começa a acontecer.¹⁶

Ao abordar este tema, não estamos pretendendo apontar os responsáveis por esta depreciação; apenas se expõe aqui, uma realidade que, de fato, existiu e tomou um novo rumo, especialmente após o Concílio Vaticano II. É preciso olhar o passado, sim, mas com a intencionalidade de encontrar possíveis causas de algo que colocava em risco a unidade da Igreja, a fim de entendê-las e dar-lhes a devida condução.

Aliás, no que diz respeito a olhar para o passado, Cezar Kuzma (2009, p.54), importante teólogo, citando o Dicionário Crítico de Teologia, nos apresenta uma definição mais detalhada para explicar o significado do termo leigo, utilizado tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento:

“Leigo, que vem do grego *laikós*, significa aquele ou aquela que pertence ao povo ou provém dele; também pode ser alguém não oficial, civil, comum. É um adjetivo derivado de *Laos*, povo, um termo presente tanto no AT*. quanto no NT*. É, portanto, aquele que pertence ao povo de Deus, herdeiro da aliança e beneficiário da promessa de salvação.”¹⁷

E acrescenta:

“A primeira vez que o termo leigo (*laikós*) é oficialmente utilizado pela Igreja é numa carta de Clemente Romano” a comunidade de Coríntios, como forma de distinguir o simples fiel do diácono e, também, do presbítero”.¹⁸

Podemos acrescentar que, a partir de então, intensifica-se na Igreja, a tensão entre clero e leigo, devido à conotação excludente, na qual o leigo passa a significar o que não é culto, o que não sabe, o que mal acompanha a missa - que era “rezada” em latim - além de não poderem tomar decisão alguma sobre os assuntos eclesiais, visto que isso era responsabilidade dos clérigos.

¹⁵ Idem n.14, p. 58.

¹⁶ Ibid., p. 58

¹⁷ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo. SP: Paulus, 2009.

¹⁸ Idem n.17, p.54

Somente entre os séculos XIX e XX é que leigos e leigas serão, definitivamente, convidados a exercerem seu papel na missão da Igreja. É chegada a época do Concílio Vaticano II, maior responsável pela mudança no modo de ver o leigo e a leiga, que agora passam a ser definidos de um novo modo conforme a Constituição dogmática *Lumen gentium*:

Os fiéis batizados, incorporados a Cristo, membros do povo de Deus, participantes da função sacerdotal, profética e régia de Cristo, que tomam parte no cumprimento da missão de todo o povo cristão,” na Igreja e no mundo.¹⁹

1.5 Algumas pedras no caminho

Mesmo que as mudanças geradas pelo Concílio Vaticano II tenham sido benéficas, ainda hoje, podemos observar algumas dificuldades em relação a participação de leigos e leigas na Igreja. Entretanto, destacaremos apenas uma delas, por se tratar de algo que configura uma urgência, nos tempos atuais. Nos referimos ao preconceito quanto à formação acadêmica (teológica) de leigos e leigas.

Para adentrarmos este tema citaremos alguns pontos. Primeiro, o fato de que podemos notar, sem fazer muito esforço, que no imaginário de alguns fiéis, a formação acadêmica em Teologia seja algo específico para os que buscam o sacerdócio ou o diaconato permanente, o que leva um bom número de leigos e leigas (principalmente) a desistirem antes de tentar.

Depois, que, financeiramente falando, é um curso longo e dispendioso - apesar das bolsas de estudos disponibilizadas em algumas instituições. Vale lembrar que - além do custo das mensalidades, tempo, alimentação, transporte e material didático, também geram despesas, com as quais boa parte dos interessados não podem arcar.

Sem contar, que quando um leigo ou uma leiga optam pela Teologia, por vezes esbarram no desdém dos que deveriam ser os primeiros a apoiá-los. O teólogo Cesar Kuzma acrescenta que:

Encerramos esta discussão com a clareza de que muito há ainda para se refletir. A formação teológica não é mais um ‘luxo’ para católicos desocupados, mas *uma necessidade* para todos os cristãos, na sociedade em que vivemos. A formação dos leigos e leigas, neste aspecto, sempre foi vista como algo depreciativo e insignificante.

¹⁹Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, n. 31.

Até tempos atrás não era, em alguns casos oferecida com o mesmo teor com que eram preparados os futuros sacerdotes e, mesmo hoje, poucas vezes, há incentivos por parte da Igreja para esta formação laical (...)²⁰

Na Igreja, especialmente nos tempos atuais, onde vivenciamos tantas mudanças culturais, sociais e econômicas, entre tantas outras, que tornam cada vez mais necessária a atuação corajosa e bem estruturada nos fundamentos cristãos, dessas pessoas que merecem todo apoio e reconhecimento por parte da Igreja.

²⁰ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo. SP: Paulus, 2009.

CAPÍTULO 2 – ESTAR NO MUNDO SEM SER DO MUNDO

2.1 A oração de Jesus

Ouve-se com certa frequência a expressão “estar no mundo sem ser do mundo”. Mas o que isto tem a ver com leigos e leigas? Antes de responder a isso, temos que levar em conta alguns aspectos fundamentais. Primeiro, antes de relacionarmos esta expressão com os leigos e leigas, precisamos entender - ainda que de modo sintético - o que ela significa.

Há quem diga que “estar no mundo” sem “ser do mundo” implica em buscar o equilíbrio entre ser e estar. Poderíamos refletir da seguinte forma: por um lado, na primeira parte da expressão “o mundo” é o espaço geográfico no qual os seres humanos nascem, crescem e desenvolvem relações sociais, culturais, religiosas, afetivas, entre outras. É no mundo que a vida flui.

Uma interpretação possível seria que “estar no mundo” diz respeito ao lugar em que estamos, do qual fazemos parte, relacionando o que somos com as realidades de onde habitamos. Essa realidade não podemos negar. Estamos no mundo.

Por outro lado, temos a segunda parte da expressão: “sem ser do mundo”. Nela percebemos uma menção à pertença, à posse (ser de algum lugar; ser de alguém) em referência ao local em que se está – ‘o mundo’.

Encontramos referências a esta expressão no capítulo 17 do Evangelho segundo São João. Trata-se da oração feita por Jesus em favor de seus discípulos, confiando-lhes ao Pai, antes ser preso. Destacamos alguns versículos:

“¹¹Já não estou no mundo; mas eles permanecem no mundo” (...). ¹⁴Eu lhes dei tua palavra, mas o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu não sou do mundo. (...) ¹⁶Eles não são do mundo como eu não sou do mundo (...) Como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.”

Olhando para esse texto, entendemos um pouco mais sobre o significado de “estar no mundo sem ser do mundo”. Uma possível explicação é que sendo esta, a realidade de Jesus, os discípulos, por herdarem sua missão, estariam sujeitos às mesmas situações pelas quais ele passou.

Equilibrar o ser e o estar, nesse caso, implicaria em viver do mesmo modo que Jesus - ainda que habitantes do mundo e sujeitos a todas as “ofertas” por ele apresentadas -, a seu exemplo - pudéssemos discernir e optar sempre pela vontade de Deus.

Quanto a leigos e leigas estarem no mundo sem serem do mundo, o sentido seria o de dizer que eles e elas estão no mundo há muito tempo e que pelo batismo são inseridos no corpo místico de Cristo. Daí sua missão ser a mesma da Igreja – porque são Igreja - e a mesma dos apóstolos, que estavam neste mundo, mas não pertenciam a ele e, ainda assim, não ficaram indiferentes às necessidades daqueles para os quais o Reino estava sendo anunciado.

Sendo membros da Igreja, o que agrega um diferencial aos leigos e leigas - nesse caso - é o fato de viverem no mundo atuando em suas especificidades, participando de suas atividades, o que lhes permite o exercício de seu apostolado de tal forma que o espírito cristão seja notado.²¹ (AA 2b).

Por essa possibilidade de atuação na Igreja – porque são Igreja - e fora dela – porque estão no mundo, é que se espera que deem testemunho das virtudes que, por graça de Deus recebem como dons: fé, esperança e caridade entre tantos outros, que o próprio Deus julgar necessários para o bem da missão.²²

Esses dons precisam ser desenvolvidos de tal forma que haja total coerência entre a fé professada pelo fiel e suas ações no dia a dia. Essas ações fazem parte da vida do leigo e da leiga e possibilita aos cristãos exercerem seu apostolado individualmente ou coletivamente.²³

São chamados, portanto, a viverem em comunhão com Cristo e com a Igreja, impulsionados pelo Espírito Santo, oferecendo-se como colaboradores cada vez mais generosos na obra do Senhor, certos de que nele não é vão o seu esforço (AA 33).

2.2 Vocação e missão dos leigos e leigas

²¹ Decreto Apostolicam Actuositatem sobre o apostolado dos leigos, n. 2b.

²² PIEPER, Josef. Virtudes fundamentais: as virtudes cardiais e teologais. São Paulo: Cultor de Livros, 2018 e BARBOSA, Roseane Gomes. *Nove dias com as Virtudes de Maria: Roteiros para oração e reflexão*. São Paulo: Paulinas, 2016.

²³ Documento de Aparecida, n. 210; Decreto Apostolicam Actuositatem, n. 18; 23.

Embora alguns possam achar que vocação e missão tenham o mesmo significado, notamos exatamente o contrário – vocação e missão têm significados diferentes, embora nas questões das quais falaremos nesse estudo, uma esteja intimamente ligada à outra, como veremos mais adiante.

2.2.1 Vocação

É um termo derivado do verbo no latim ‘vocare’ que significa ‘chamar’. É uma inclinação ou tendência, ou habilidade que leva o indivíduo a exercer uma determinada carreira ou profissão. É uma competência que estimula as pessoas para a prática de atividades que estão associadas aos seus desejos de seguir determinado caminho. Por extensão vocação é um talento, uma aptidão natural, um pendor, uma capacidade específica para executar algo que vai lhe dar prazer.²⁴

Podemos encontrar vários tipos de vocação, mas vamos tratar de apenas um deles: a vocação religiosa que

É um chamado de Deus para a prática religiosa, é louvar e servir a Deus e ao próximo. Ter vocação religiosa é estar disponível para se separar das coisas que são do mundo e que não são do agrado de Deus.

A vocação religiosa pode ser seguida por homens e mulheres que ao sentirem o chamado de Deus, deixam tudo e colocam-se inteiramente a serviço dos irmãos mais necessitados.²⁵

Leigos e Leigas, tanto na Igreja quanto fora dela, atuam em vários espaços, a saber: as comunidades, a família, sociedade e a ordem nacional e internacional (AA 9). Como vemos é um vasto campo de atuação e exige um comprometimento individual da parte de tais pessoas, pois uma vez conscientes de sua vocação religiosa e atuantes na Igreja devem ter em mente, o tempo todo, que já não são pessoas comuns. Estão no mundo, mas são cidadãos do reino e devem se comportar como tal em todas as situações.

2.2.2 Missão

A palavra missão também vem do latim e significa “enviar”. É Jesus quem nos envia como ele mesmo afirma em Mt 28,19-20.

²⁴Disponível em: <https://www.significados.com.br>; acesso em 12/jul./2021.

²⁵ Idem n. 24.

Em relação à missão dos leigos e leigas, encontramos muitas referências. Eis uma delas:

Em virtude do batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28,19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução de sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; já não digamos que somos “discípulos” e “missionários”, mas que somos sempre “discípulos missionários”. Se ainda não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: “Encontramos o Messias” (Jo 1,41). A samaritana, logo que terminou seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária e muitos samaritanos acreditaram em Jesus “devido às palavras da mulher” (Jo 4,39). Também São Paulo, a partir de seu encontro com Jesus Cristo, “começou imediatamente a proclamar [...] que Jesus era o Filho de Deus” (At 9,20).²⁶

É necessário ressaltarmos, então, dois pontos importantes contidos no texto citado. Primeiro: é pelo Batismo que leigos e leigas - Povo de Deus - tornam-se discípulos missionários. Segundo: o encontro com Jesus gera, nos que fazem essa experiência, uma grande alegria, urgência para anunciar e impulsiona à missão. Um terceiro ponto que não está no texto destacado, mas é de fundamental importância, é que o encontro com o amor de Cristo, coloca o discípulo missionário em comunhão com a Igreja.

O concílio Vaticano II tratou da missão dos leigos e leigas na vida da Igreja e no mundo, apontando para o testemunho cristão além dos limites da comunidade de fé e estimulando sua participação ativa nas atividades pastorais. (CNBB 2010). Isso lhes favorece a participação efetiva na vida da Igreja - ao lado dos irmãos de comunidade - e no mundo, em diálogo com as realidades sociais, culturais, econômicas e religiosas e as várias ciências.

2.2.3 Chamados por amor, enviados para amar

²⁶ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, n. 120.

No caso de leigos e leigas a vocação religiosa, muitas vezes vem acompanhada por uma vocação profissional, ou seja: alguém que tenha aptidão para o trabalho em determinadas áreas. Por exemplo: um cozinheiro, um médico, um construtor ou quaisquer outros profissionais podem sentir-se vocacionados ao trabalho na Igreja, assumindo a missão de evangelizar mediante o serviço nas pastorais e sua presença no mundo.

Vocação e missão dos leigos e leigas, como dizíamos no início desta reflexão, são dependentes uma da outra. De fato, a vocação religiosa é um chamado de Deus para servirmos a todos os irmãos. Esse serviço é a missão, que enquanto envio, impele o fiel tanto para o serviço pastoral, quanto para o testemunho de vida cristã no mundo. A existência de uma, se liga a existência da outra.²⁷

Encontramos, no Documento de Aparecida, um detalhe que vale ser destacado:

A admiração pela pessoa de Jesus, seu chamado e seu olhar de amor despertam uma resposta consciente e livre desde o mais íntimo do coração do discípulo; uma adesão a toda a sua pessoa ao saber que Cristo o chama pelo nome (cf. Jo 10,3). É um sim que compromete radicalmente a liberdade do discípulo ao se entregar a Jesus, Caminho Verdade e Vida (cf. Jo 14,6). 'É uma resposta de amor a quem amou primeiro "até o extremo" (cf. Jo 13,1). A resposta do discípulo amadurece neste amor de Jesus: "eu te seguirei por onde quer que vás" (Lc 9,57). É neste ponto que encontramos a essência da missão: "um sim" - que compromete - ao "chamado de um olhar de amor". Quem resiste?²⁸

2.3 Lançar as redes para águas mais profundas: a vocação do teólogo

Como dissemos no início deste estudo há leigos e leigas que durante a caminhada com a Igreja, no exercício de suas atividades pastorais, sentem-se atraídos pela teologia. Nasce, então, um desejo de buscar mais conhecimento de Deus e de tudo que se refere a Ele e à Igreja; um impulso para "mergulhar" no Evangelho e na doutrina, a fim de encontrar respostas aos questionamentos que vão surgindo ao longo da "caminhada".

Chega o momento de lançar as redes do conhecimento adquirido nas formações paroquiais e nas diocesanas, em águas mais profundas (Lc 5,1-5), ou seja: é hora de buscar um aprofundamento acadêmico sobre as "coisas de Deus". Então "lançam suas redes" no "mar" da teologia, decididos a superar desafios, resistências e preconceitos.

2.3.1. Mas o que é teologia?

²⁷ Disponível em: wiki.cancaonova.com; acesso em 12/jul./2021, 24h30min.

²⁸ Documento de Aparecida, n. 136.

É importante sabermos pelo que se define a teologia para entendermos, ainda que sucintamente, sobre o que os leigos e as leigas que sentem a vocação por ela irão estudar. Como já dissemos anteriormente, é um curso dispendioso, de longa duração que vai exigir desses fiéis, que coloquem em prática os dons recebidos do Espírito, pelo batismo. Entretanto é apaixonante, devido ao seu conteúdo.

Alguns vão dizer que:

Teologia é o estudo crítico da natureza dos deuses, seres divinos, ou de Deus, seus atributos e sua relação com os homens e diversas religiões. Em sentido estrito, limita-se ao Cristianismo, mas em sentido amplo, aplica-se a qualquer religião. É ensinada como uma disciplina acadêmica, em universidades, seminários e escolas de teologia.²⁹

Mas, de acordo com a definição hegeliana, a teologia é o estudo das manifestações sociais de grupos em relação às divindades, Como toda área de conhecimento, possui então objetos de estudo definidos (...) então o objeto de estudo da teologia seriam as representações sociais do divino nas diferentes culturas.²⁹

Entretanto, vamos nos ater à definição proposta por Murad e Lib que aponta a teologia como “ação do teólogo, a saber, “reflexão metódica e crítica sobre o que vem exposto no querigma da Igreja e aceito no ato de fé, pelo qual o homem se submete à palavra de Deus.”³⁰

Com o tempo e o conhecimento que vão adquirindo no serviço pastoral, alguns leigos e leigas perceberem que têm vocação para a Teologia, e partem em busca de uma formação mais específica, aprimorada, em nível acadêmico, como já dissemos anteriormente. Ao ingressar na “academia” – um novo horizonte se abre, pois, agora passarão a prepararem-se para o “ser teólogo”.

A esse respeito a Congregação para a Doutrina da Fé, na instrução *Donum Veritatis*, sobre a vocação do teólogo, nos diz que:

Entre as vocações suscitadas na Igreja pelo Espírito, distingue-se a do teólogo, que em modo particular tem a função de adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja.³¹

²⁹ Disponível em: pt.m.wikipedia.org. acesso em 14/jul./2021.

³⁰ LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. São Paulo. SP: Loyola, 2014, p. 70.

³¹ Instrução *Donum Veritates* sobre a vocação do teólogo, n. 6

Além disso, o teólogo deve ter sempre em mente o fato de ser membro do Povo de Deus e, portanto, deve ter o cuidado de comunicar-lhe, com todo respeito, os conteúdos referentes a doutrina da fé, de modo que estejam sempre em acordo com a Igreja, que busca orientação no Magistério, na Palavra e na Tradição.³² (DV 5)

Isso pressupõe que a partir do momento que se decidem pela vocação à teologia, a partir do momento que começam a adentrar nos estudos acadêmicos, leigos e leigas vão se comprometendo mais e mais, com a missão. E isso é bom, porque o conhecimento é sempre bem-vindo, e partilhá-lo, faz parte da missão.

2.3.2. Fé, ciência e oração: na vida e na atuação de teólogos e teólogas

Outro ponto importante que o documento *Donum Veritatis* nos apresenta em relação à vocação do teólogo é o fato de ser “chamado a uma intensa “vida de fé unida sempre à pesquisa científica e à oração. Espera-se que desse modo o teólogo fique mais aberto ao “senso sobrenatural da fé” - segura norma para guiar a sua reflexão e verificar a exatidão das suas conclusões”. (DV 8)

Quanto mais se aprofundar nos saberes teológicos, mais intensa será a vida de fé daqueles e daquelas que se dedicam à teologia, pois ao contrário do que dizem aqueles que se baseiam no senso comum, a teologia não acaba com a fé da pessoa. Pelo contrário, esclarece a fé, fortificando-a, pois oferece ferramentas (conhecimentos) para isso.

Além de que, a fé alimentada pela oração e pela graça de Deus, “purificará o olhar do teólogo” no momento de “discernir sobre a origem de sua atitude crítica”, livrando-a do “caráter afetivo ou de preconceito” inerentes à pessoa do teólogo, porque é importante analisar o objeto de estudo garantindo o rigor científico, sem esquecer que a teologia constitui verdadeira ciência.³³

Enquanto ciência a teologia possui seus próprios métodos e saberes específicos. Ao teólogo cabe combiná-los adequadamente, buscando o diálogo com as demais ciências – sem alienar-se do mundo, mas estando atentos ao que nele acontece - que podem contribuir, e muito, para a eficácia de suas reflexões.

³² Idem 31, n. 5.

³³ Instrução 9 *Donum Veritates* sobre a vocação do teólogo, n. 9.

Haja vista, que “hoje em dia as fronteiras traçadas entre as ciências se desvanecem”. O conhecimento está exposto e pode ser acessado facilmente pelos que se interessarem. “Com este modo de compreender o diálogo” - entre teologia e demais ciências – “sugere-se a ideia de que nenhum conhecimento é completamente autônomo”. Essa situação abre uma gama de oportunidades à teologia para interagir com as ciências sociais.”³⁴

De acordo com o Documento de Aparecida, “nas últimas décadas, observamos na América Latina e no Caribe o surgimento de diversos institutos de teologia e pastoral orientados para a formação e atualização de agentes de pastoral. Nesse caminho tem-se conseguido criar espaços de diálogo, discussão e busca de respostas adequadas aos enormes desafios enfrentados pela evangelização no Continente. Ao mesmo tempo tem sido possível formar numeráveis líderes a serviço das igrejas particulares.”³⁵

2.3.3 A formação do teólogo

A Igreja está sempre preocupada com a formação dos agentes de pastorais. Essa preocupação é válida. Uma vez que todo o Povo de Deus é chamado a participar ativamente do processo de evangelização, precisa estar apto para exercerem seu apostolado na Igreja e no mundo.

No que tange a formação dos teólogos e teólogas, especificamente, vale citar a Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* (2017) sobre as universidades e as faculdades eclesiais e a Instrução *Donum Veritatis* (1990), sobre a vocação eclesial do teólogo.

Conforme encontramos na introdução da instrução *Donum Veritatis* da qual destacamos alguns pontos anteriormente:

Em todas as épocas a teologia é importante para que a Igreja possa dar uma resposta ao desígnio de Deus, “que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4). Em tempos de grandes mudanças espirituais e culturais, ela é ainda mais importante, mas também exposta a riscos, devendo esforçar-se para “permanecer” na verdade (cf. Jo 8, 31) e ao mesmo tempo ter em consideração os novos problemas que interpelam o espírito humano (...)³⁶

Segundo Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*:

Essa tarefa enorme, inadiável requer um âmbito cultural da formação acadêmica e aí da investigação científica, o compromisso generoso e comovente em pronto uma mudança radical de paradigma, antes – seja-me

³⁴Idem 33, n. 124.

³⁵Ibid. n. 344.

³⁶Instrução *Donum Veritates* sobre a vocação do teólogo – introdução.

permittedo dizê-lo – “para uma corajosa revolução não cultural”. A esse compromisso a rede mundial de Universidades e Faculdades Eclesiásticas é chamada a prestar o decisivo contributo de fermento, sal e luz do evangelho de Jesus Cristo e da Tradição viva da Igreja sempre aberta a novos cenários e propostas.³⁷

Em seu texto, a instrução *Donum Veritates* se dedica especialmente à abordagem sobre temas referentes à vocação do teólogo. E, se assim podemos dizer, os “futuros teólogos” precisam de boa formação, conforme nos mostra a Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium*.

A Constituição Apostólica *Veritatis Gaudium* traz, não só a preocupação com a qualidade da formação acadêmica dos teólogos, mas indica, à luz do Concílio Vaticano II, alguns critérios importantes a serem considerados na reformulação da estrutura dos cursos oferecidos pelas Faculdades Eclesiais, responsáveis por sua formação. Encontramos também, neste documento, a descrição da “natureza e finalidades das Universidades e Faculdades Eclesiásticas”.

Ao longo do texto, encontraremos, entre outras coisas, a descrição do perfil de professores, alunos, funcionários, bem como toda a organização dos cursos que serão ministrados e os conteúdos apresentados. Mas vale lembrar que em todo o documento notamos a preocupação, muito atual, com o desenvolvimento integral do ser humano e é em torno dele, do Estudo da Palavra, do Magistério e da Tradição que se dará a formação do Teólogo.

³⁷ Idem 36, n. 3.

CAPÍTULO 3 – AS MÃOS AMOROSAS DE DEUS NO MUNDO

3.1 Leigos e Leigas, Laicato, Povo de Deus

Como podemos perceber lendo alguns documentos da Igreja - especialmente os relacionados ao tema deste estudo - há um grande reconhecimento da importância da atuação dos leigos e leigas dentro e fora dela. Esse reconhecimento é importante:

Destacamos os incontáveis cristãos leigos e leigas que atuam através de seus trabalhos em instituições como universidades, escolas, hospitais, asilos creches, meios de comunicação, empresas, onde quer que seja, evangelizando pelo testemunho e contribuindo para a expansão do Reino de Deus.³⁸

Um outro termo, bem comum na Igreja, atualmente, é “laicato”. Mas poucos sabem o que significa. Antes de prosseguirmos seria conveniente um breve esclarecimento - sem adentrarmos em questões epistemológicas - apenas para dizer que este termo pode significar, entre outras coisas, conjunto dos leigos (leigos/leigas) e de suas relações com a Igreja.

O laicato está incluído, nos “*conselhos de leigos*” citados, no texto da Conferência de Santo Domingo (n. 98). Neste documento também encontramos incentivo a que se promova a formação global, ou seja, “uma formação integral, gradual e permanente” (n. 99), gerando “uma preocupação maior a respeito da formação teológica”³⁹

Tanto “laicato”, quanto “leigos e leigas” são termos utilizados como referência aos homens, mulheres, jovens, adultos, idosos, crianças, enfim, pessoas – povo de Deus – que para melhor servir aos irmãos precisam de uma formação de qualidade.

A preocupação da Igreja em relação à formação dos leigos e as leigas é constante e garanti-la é responsabilidade “daqueles que ocupam funções de direção ou exercem especial responsabilidade no povo de Deus – bispos presbíteros diáconos consagrados e lideranças leigas de um modo geral.”⁴⁰

Tal formação deve abranger “diversos níveis no âmbito da comunidade eclesial, de forma a oferecer aos distintos sujeitos o que for conveniente e necessário à sua compreensão e vivência da fé (...). Também é fato que, por se tratar de um processo contínuo de

³⁸ Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (MT 5, 13-14). Aparecida. São Paulo: Doc. 105, CNBB, n. 207.

³⁹ CUZMA, 2009, P. 82

⁴⁰ Idem 34, n. 226.

aprofundamento da fé e da realidade, de modo mutuamente implicado, a formação requer atualização permanente segundo o que orientam as Diretrizes da Igreja, a pesquisa teológica e a pesquisa científica.”⁴¹

Diante disso vale ressaltar a crescente necessidade de formar teólogos leigos, com conhecimento acadêmico específico de um curso superior, - nas várias áreas da teologia – para que possam ajudar a *formar muitas mentes engrandecidas espiritualmente* (José Antônio da Silva, p. 17 revista de cultura teológica) e repletas de inteligência espiritual.⁴²

3.2 Santo Domingo e Aparecida

A Conferência de Santo Domingo proporcionou um avanço importante e necessário, uma vez que leigos e leigas precisam cada vez mais, participarem ativamente - apresentando atitudes concretas - da missão da Igreja. E *um laicato bem estruturado, com uma formação permanente, maduro e comprometido, é o sinal de Igrejas particulares que levam muito a sério o compromisso da nova evangelização* (SD, n.103).

No texto de Aparecida encontramos “*um olhar*” sobre a realidade - cada vez mais atual - do campo de ação missionária da Igreja, bem como da importância de não “abrir mão” da atuação deste que está sempre disposto a colaborar: o laicato.

Segundo o Documento de Aparecida leigos e leigas:

Hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Isso exige, da parte dos pastores, maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação.⁴³

Como um exemplo da concretização da proposta de Santo Domingo (“conselhos de leigos”) e do olhar de Aparecida (“que o leigo seja levado em consideração com espírito de comunhão e participação”) podemos citar o Conselho Nacional do Laicato no Brasil - CNLB.

⁴¹Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (MT 5, 13-14). Aparecida. São Paulo: Paulinas. Documentos da CNBB- 105, n. 227.

⁴²TORRALBA, Roselló Francec. *Inteligência espiritual*; tradução de João Batista Kreuch. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.46

⁴³Documento de Aparecida, n. 213.

O CNLB se constitui em uma *associação de leigos e leigas, organizada nacionalmente e presente em todo o país* e foi criado como “sucessor” do Conselho Nacional de Leigos e Leigas Católicos do Brasil (CNL). Fundado em 1975 como Conselho Nacional de Leigos, é um organismo de articulação e representação dos cristãos leigos e leigas, “que busca integrar os leigos e leigas dos movimentos, das pastorais, daqueles que vivem sua vida comunitária numa paróquia ou comunidade, e dos que vivem sua fé cristã inseridos nas atividades da sociedade”⁴⁴

Um de seus objetivos é “*ser espaço de articulação, diálogo, formação e informação do laicato presente nos diversos setores e segmentos da sociedade, a fim de garantir uma atuação mais qualificada nos espaços, sociais políticos, econômicos e culturais*”. (Art. 3º §III, capítulo II, objetivos.)

Vale lembrar que - além dos Conselhos Regionais - o CNLB estimula a criação dos Conselhos Diocesanos dos Leigos (CDL). Estes, por sua vez, são organismos de **articulação, organização e representação** dos cristãos leigos e leigas no âmbito diocesano e se torna parte integrante das representações Regionais do Conselho Nacional do Laicato do Brasil – CNLB.

O CDL não é uma pastoral e nem um movimento, mas sim um organismo laical que é um organismo da Igreja, pertencente à comunhão eclesial. O CDL nasce da Igreja, para que a comunhão se faça plena e crie caminhos de *formação de um laicato consciente de sua vocação e de sua missão evangelizadora*. (Cadernos do CNLB, n.2)

3.3 Movimentos e pastorais: formas de expressão laical

Além do CNLB e dos CDL encontramos outros “caminhos de atuação laical”, ou seja, encontramos na Igreja vários espaços nos quais leigos e leigas podem atuar exercendo seu apostolado, mantendo a comunhão com a Igreja e expandindo a evangelização. Movimentos e pastorais são diferentes em definição, mas iguais em importância para o desenvolvimento da missão da Igreja.

⁴⁴ Cadernos do CNLB, n. 2

De acordo com Pe. Idemar Costa, missionário redentorista, as pastorais têm a função de comunicar em comunhão com o corpo da Igreja. Sobre as pastorais ele explica que:

“As pastorais mais conhecidas, mais comuns em quase todas as paróquias são: Pastoral Catequética, Pastoral dos Idosos, da Criança, Pastoral Litúrgica, Pastoral Social, porque estão - na maioria das vezes – em evidência na Igreja local e comunicam o Evangelho de uma forma dinâmica, própria (...) “Sem vínculo com a comunidade não é possível um agir pastoral, pois esta nasce e tem por finalidade a ação comunitária”.⁴⁵

Em relação aos movimentos ele nos diz o seguinte:

Já os movimentos são externos à igreja local, mas atuam dentro da paróquia. “Os movimentos têm carisma próprio. São, normalmente, fundados por uma pessoa que dá o caminho espiritual, a direção espiritual e, também, as normas de vida para a ação do movimento. Os movimentos têm a característica de trazer vida à Igreja, vigor, renovação, força, alegria e ajuda a Igreja a se configurar dentro da realidade de um tempo” (...).⁴⁶

Podemos citar, como exemplos de movimentos conhecidos na Igreja: Renovação Carismática, Vicentinos, Legião de Maria entre outros. É importante ressaltar que “a perspectiva de atuação” - dos movimentos e das pastorais - “deve ser profético-transformadora, indo além do assistencialismo” (Doc. 105, CNBB). É imprescindível que leigos e leigas sejam “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14)”; sal para dar “sabor” à existência humana e luz para “clarear” possíveis caminhos, na busca por condições de vida dignas do povo de Deus.

3.4. Os jovens na Igreja

Ainda no documento n. 105 da CNBB encontramos especial destaque quanto a participação dos jovens na Igreja:

Ressaltamos a participação do cristão leigo jovem na Igreja e no mundo. em continuidade da Ação Católica Especializada, os trabalhos pastorais com a juventude se organizam por meio das Pastorais da juventude (juventude do meio popular- PIMP; juventude de base- PJ; juventude estudantil – PJE; juventude rural –

⁴⁵ COSTA, Pe Idemar. Disponível em: <https://paieterno.com.br/2018/04/30/você-sabe-a-diferença-entre-pastoral-movimento-e-ministerio-2>. Acesso em 12/jul./2021.

⁴⁶ Idem 45

PJR), respondendo aos apelos dos jovens nos vários meios sociais e realidades específicas. Essas pastorais e outras expressões retomam o papel missionário do jovem leigo no seio da Igreja e na sociedade. Mediante sua organização diocesana, regional e nacional, constroem diretrizes que orientam sua ação transformadora à luz da Palavra de Deus e dos documentos da Igreja.”⁴⁷

A participação de todos os leigos e leigas, jovens e adultos, de forma organizada gera mais uma possibilidade expressão e aprimoramento de todo o povo de Deus, dado que uma vez que leigos e leigas - engajados no serviço à Igreja - podem encontrar nas diversas organizações formas distintas de estarem em constante contato com as diretrizes orientadoras de sua ação no mundo; podem, por meio delas, expressarem-se de modo que atendam mais eficazmente as necessidades atuais de evangelização.

Uma vez que a importância dos leigos e leigas se destaca “na Igreja para que ela transforme a sociedade e cumpra seu papel missionário de promoção do Reino de Deus, construindo uma sociedade mais justa e igualitária”.⁴⁸ Assim se justifica especialmente a importância da ação dos jovens, uma vez que - como se ouve muito por aí - são o futuro das nações.

Jovens bem instruídos na fé, conscientes de sua missão e de seu papel na sociedade, certamente saberão que as grandes mudanças sociais e pessoais se dão, na maioria das vezes, a partir de mudanças de mentalidade, onde se assume algo em favor de todos.

Então podemos esperar que estes jovens uma vez cientes de que nada acontece por passe de mágica ou como num conto de fadas entendam tudo vem a partir da luta - individual e coletiva - daqueles que descobriram a importância de assumir a missão com a segurança de quem sabe que a “Igreja não existe fora da sociedade, mas é nela uma instituição relevante”⁴⁹, possam ser, também, sujeitos numa igreja em saída.

Nessa realidade esses jovens são, como os leigos e leigas adultos e os com formação teológica acadêmica, a esperança da Igreja de que por meio deles se estenderá a evangelização em todos os ambientes possíveis para que se cumpra a missão que é de todos.

⁴⁷ Cristãos leigos e leigas na igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo (MT 5, 13-14). Aparecida. São Paulo: Paulinas. Documentos da CNBB- 105, n. 206.

⁴⁸ PEREIRA, José Carlos. Leigos e Leigas na Igreja: sujeitos na Igreja em saída. São Paulo. Paulus, 2017. p. 5.

⁴⁹ PEREIRA, José Carlos. Leigos e Leigas na Igreja: sujeitos na Igreja em saída. São Paulo. Paulus, 2017. p. 5.

Uma vez que muitas são as urgências do mundo atual, muitos são os dons e carismas despertados na Igreja, pela graça de Deus. E muitos são os caminhos a percorrer até que o Reino se cumpra totalmente, considerando que

A vida plena para todos deve ser a prioridade, pois se a Igreja não defender a proposta de Cristo, que veio “para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10), ela não estará cumprindo plenamente sua missão evangelizadora.⁵⁰

3.5 As comunidades: uma expressão de amor

Tomamos como ponto inicial desse estudo a Igreja primitiva em seu primeiro formato, ou seja: a comunidade. O trajeto realizado por leigos e leigas, desde a Igreja primitiva, tem seu espaço físico na comunidade. É nela que o encontro acontece. Encontro com o Pai e com os irmãos.

Vale lembrar que

A palavra *comunidade* tem sua origem na palavra *communio* e, em virtude de seu acento linguístico, possui duas conotações: primeiro que a raiz *mun* significa fortificação, muralha. Pessoas que estão numa *communio* estão atrás de uma fortificação, de uma segurança comum. Estão unidas por um espaço vital, onde a união faz a vida de cada um depender do outro. Em segundo lugar: a palavra *mun* vem da palavra latina *múnus*, que significa tarefa, serviço, ou também graça e dom. A *communio* está obrigada a um serviço mútuo, mas de maneira que este serviço seja precedido por um dom dado anteriormente, que se recebe para ser passado aos outros. Em se tratando de comunidades de fé cristã, elas devem estar nutridas de ambos e espelhar-se na comunidade de amor da Santíssima Trindade.⁵¹

E conforme encontramos no Documento de Aparecida,

Nossas comunidades levam o selo dos apóstolos e, além disso, reconhecem o testemunho cristão de tantos homens e mulheres que espalharam em nossa geografia as sementes do Evangelho, vivendo valentemente sua fé, inclusive derramando seu sangue como mártires. Seu exemplo de vida e santidade constitui um presente valioso para o caminho cristão dos latino-americanos e, simultaneamente, um estímulo para imitar suas virtudes nas novas expressões culturais da história. Com a paixão de seu amor a Jesus Cristo, foram membros ativos e missionários em sua comunidade eclesial. Com valentia, perseveraram na promoção do direito das

⁵⁰ Idem, n. 48, p. 5

⁵¹ KUZMA, Cesar. *Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo*. São Paulo. SP: Paulus, 2009.p. 92.

peçoas, foram perspicazes no discernimento crítico da realidade à luz da Igreja e críveis pelo testemunho coerente de suas vidas. Nós, cristãos de hoje, acolhemos sua herança e nos sentimos chamados a continuar com renovado ardor apostólico e missionário o estilo evangélico de vida que nos transmitiram.⁵²

Não podemos negar essa herança deixada desde o início. Hoje se fala de Comunidades Eclesiais de Base, pequenas comunidades, comunidades de comunidades, entretanto tudo que as movimenta é o amor experimentado no início e que, por dom e graça de Deus, se mantém como força que impulsiona os cristãos, ainda hoje. Uma força que se expressa pelo trabalho pastoral da Igreja: no ir e vir de homens e mulheres – agentes de pastorais – que se doam por amor e pelo amor.

As comunidades são locais nos quais os frutos do amor vão surgindo e produzindo solidariedade. O amor - indicado por Jesus em João 15,12 - é o maior de todos os mandamentos, através do qual Deus se comunica com seu povo. Do Antigo ao Novo Testamento, por toda a história do povo de Deus, ele é demonstrado sem reservas; porque Deus não racionaliza o amor que nos dispensa. Deus nos ama intensamente, incondicionalmente.

É a esse amor que nos referimos no início deste estudo. Condição própria do homem, não está condicionado a títulos ou funções; parte de seu interior. Pode ser explicado? Sim. Mas só vai ser compreendido se brotar no coração das pessoas. Em especial no coração de homens e mulheres que fazem parte do corpo místico de Cristo. Porque são os que transmitirão esse amor ao mundo que dele necessita para ser feliz.

Assim como no início os primeiros cristãos eram reconhecidos pela forma como se amavam – despertando em não cristãos o desejo de adesão ao cristianismo – assim, também, devemos ser: dentro de nosso contexto, deveríamos desejar ser reconhecidos pelo amor que dispensamos uns aos outros.

Um amor sem o qual abre-se, no coração dos indivíduos:

(...)espaço para os piores sentimentos. A inveja, o orgulho, a prepotência, o desrespeito, a injustiça. Quem ama é justo.

⁵² Documento de Aparecida n. 275.

Quem ama é verdadeiro. Lembrando-nos dos ensinamentos de São Paulo em sua carta aos coríntios.⁵³

Podemos crer que esses sentimentos possam ser combatidos pelo amor que nos vem como graça de Deus, em forma de virtudes, especialmente aquelas que nos são apontadas como virtudes de Maria: fé, esperança, amor/caridade, humildade, fidelidade, disponibilidade, confiança, paciência, pobreza. (BARBOSA, 2016)

Podemos acrescentar que:

Como Maria, o leigo e a leiga são cristãos maduros na fé que se dispõem a seguir Jesus com todas as consequências dessa escolha. Os cristãos leigos vivem, portanto, o seguimento de Jesus no seu dia a dia e, como Maria vivem a alegria deste chamado, sonham e promovem, pela vocação assumida, a construção de um outro mundo possível.⁵⁴

Modelo de vocação laical, com suas virtudes, vale como inspiração a todos e todas que querem sinceramente seguir Jesus e, com suas vidas, servir de instrumentos para o agir amoroso das mãos Deus no mundo. Mãe de Misericórdia, Maria não é somente aquela mãe que concebeu, gestou, deu à luz, nutriu e educou Jesus (...). Por vontade de Jesus, Maria é adotada como mãe pela comunidade cristã de todos os tempos. Assumiu a missão de mãe da comunidade – após a morte de Jesus - e hoje pode ser tomada como exemplo de mulher, de mãe, de leiga; (MURAD, p. 98.)

⁵³ ROSSI, Pe. Marcelo. *Ágape*. 1.ed. São Paulo. SP: Editora Globo, 2010.p.89

⁵⁴ ALMEIDA, João Carlos (org.). *Uma leiga chamada Maria*. 1.ed. Aparecida. SP: Editora Santuário, 2019.

CONCLUSÃO

Quando iniciamos este estudo, havia a certeza de que poderíamos explicar a teologia como uma profissão como tantas outras. O que descobrimos? Há muito que dizer sobre uma Igreja com mais de dois mil anos de existência. Do mesmo modo, muito a dizer sobre seus membros, incluindo os que escolhem a teologia como uma formação além da pastoral.

Embora seja reconhecida como profissão – no mercado de trabalho – não é comum encontrarmos teólogos que definem a teologia que fazem, do mesmo modo que alguém se diz professor, médico ou comerciante, por exemplo. Talvez porque esta esteja tão ligada à religião que já não se consiga mais evidenciá-la como algo independente.

Fica, então, a certeza de que na teologia encontramos a coabitação entre fé e razão, tão necessária ao bom desenvolvimento da missão da Igreja. Levando em conta que todos os seus membros são convidados a exercerem, no mundo, a mesma missão de evangelizar – um ato de fé amor e sabedoria - que deve ser norteado pela razão, a fim de que não se perca em devaneios.

Ao estudarmos – ainda que brevemente – a Igreja Primitiva e sua formação percebemos o quanto a Igreja se preocupa com o bem comum desde seu início e o quanto se preocupa com a qualidade da formação de seus fiéis. Notamos que naquela época os cristãos dedicavam um bom tempo às pregações, que possivelmente tinham um caráter não só querigmático, mas também de ensino.

Podemos afirmar, então, que nossos objetivos foram atingidos. Primeiro porque, sim, a teologia é uma profissão reconhecida oficialmente. Segundo porque percebemos, ao longo do trabalho, que mais que uma profissão como as outras, a teologia – dado o contexto ao qual está inserida – se tornou ciência e está apta a se relacionar com todas as outras, num patamar de igualdade e cooperação.

Tal fato permite aos teólogos “um dialogar” com outras ciências e, também, com outras religiões de modo que haja um bom entendimento e crescimento para todos. Isso se dá especialmente no caso dos teólogos leigos, mas também pode ser aplicado aos leigos e leigas sem formação acadêmica, desde que recebam orientação adequada para tanto. Justamente por terem a possibilidade de “estar no mundo”, mas conscientes de quem são e da missão que lhes é imposta pelo batismo.

Um outro ponto importante e positivo que se percebeu ao longo deste estudo foi a força atuante de leigos e leigas que se dedicam cada vez mais à evangelização, formando associações, comunidades, movimentos, pastorais, sem, contudo, perderem o contato com a Igreja e seguindo suas orientações; vivendo conforme seus ensinamentos; dando testemunho de fé. É um fato de grandiosidade imensurável, dada a quantidade de pessoas que se encontram neste estado de vida.

Acreditamos que, quanto a isso, ainda haja muita coisa a ser estudada e sintetizada em forma de conhecimento para as gerações futuras. Especialmente ao que diz respeito às questões emocionais (de relacionamento), que possam vir a se tornar “pedras no caminho” da Igreja, impedindo que alguns possam aperfeiçoar seus conhecimentos por falta de apoio da comunidade e seus responsáveis; ou obrigando outros a se afastarem da Igreja, devido a mágoas causadas por falhas no processo de comunicação. É um vasto campo de investigação para estudos futuros.

Retomando nosso tema, vale destacar a grandiosidade da Igreja, que pelos sacramentos, marca a vida dos fiéis; como mãe, cuida e orienta os filhos e filhas; como casa, acolhe os que nela buscam refúgio e proteção. O quanto ela alcança em termos geográficos, em que cantinhos ela chega e, especialmente, o quanto ela atinge as pessoas com seu poder de conversão, transformando e salvando vidas é algo que impressiona. Claro que isso se dá pelo poder do Espírito, mas imaginar essa magnitude, pode nos deixar sem palavras. Experimentar o amor, fonte de toda essa grandeza, é maravilhoso

Quanto às perguntas que nos fazem, especialmente as de cunho financeiro, sobre o “trabalhar de graça” - o único que explica todo esse agir, é o Amor. Amor de Deus. Amor do Pai. Amor que nos sustenta, nos direciona. Amor que impulsiona leigos e leigas, teólogos, clérigos - povo de Deus - para além da pastoral.

BIBLIOGRAFIA

A BÍBLIA: Novo Testamento. In BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo. Paulus, 2011.

ALMEIDA, João Carlos (org.). **Uma leiga chamada Maria**. 1.ed. Aparecida. SP: Editora Santuário, 2019.

ARNS, Paulo Evaristo. **O que é Igreja**. Abril Cultural; Brasiliense, São Paulo, 1985. (Coleção primeiros passos).

BARBOSA, Roseane Gomes. **Nove dias com as Virtudes de Maria**: roteiros para oração e reflexão. 1.ed. São Paulo. SP: Paulinas, 2016.

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. 1.ed. São Paulo. SP: Paulinas, 2016.

TORRALBA, Roselló Francec. **Inteligência espiritual**; tradução de João Batista Kreuch. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KASPER, Cardeal Walter. **A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã**. 2. ed. São Paulo. SP: Edições Loyola, 2015.

KUZMA, Cesar. **Leigos e leigas: força e esperança da Igreja no mundo**. São Paulo. SP: Paulus, 2009.

LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. **Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo. SP: Loyola, 2014.

MESTERS, Carlos. **Paulo Apóstolo: um trabalhador que anuncia o Evangelho**. 1. ed. São Paulo. Paulus, 1991. (Coleção por trás das palavras).

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana**: Compêndio de mariologia. 1.ed. Aparecida. SP: Paulinas; Santuário, 2012.

PEREIRA, José Carlos. **Leigos e leigas na Igreja**: sujeitos na igreja em saída. 1. ed. São Paulo. Paulus, 2017. (Coleção pastoral e comunidade).

PIÉ-NINOT, Salvador. **Introdução à Ecclesiologia**; tradução de João Paixão Netto. 2.ed. São Paulo. SP: Edições Loyola, 1998.

SILVA, José Antônio da. Diretrizes Curriculares para a Teologia. Revista de Cultura Teológica. São Paulo: ISSN 0104-0529. Trimestral. Ano XVIII. n.70. abr/jun. Paulinas, 2010.

SOUZA, Ney. Princípios e práticas fundamentais de uma Igreja cristã saudável. Disponível em: https://www.creativecommons.org/by/4.0/deed.pt_BR acesso 16jul2021. 11h30min

ROSSI, Pe. Marcelo. **Ágape**. 1.ed. São Paulo. SP: Editora Globo, 2010.

FIGUR, André G. Disponível em: <https://www.theokratos.org/post/2018/09/17/a-funcionalidade-dos-minist%C3%A9rios-na-igreja-primitiva> – acesso em 07/jul./2021. 9h23mim.

(s.n.)Disponível em: <https://www.revistaimpacto.com.br/biblioteca/historia-da-igreja-parte-11-o-ministerio-da-mulher-nos-primeiros-seculos> acesso em: 09/jul./2021. 8h20min.

Wikipdia Enciclopédia Eletrônica. Disponível em: <pt.m.wikipedia.org>. acesso em 14/jul./2021, 14h:43min.

Dicionário Eletrônico. Disponível em: <https://www.significados.com.br/>; acesso em 12/jul./2021., 9h19min

Wiki Canção Nova. Disponível em: wiki.cancaonova.com; acesso em 12/jul./2021, 24h30min.

DOCUMENTOS DA IGREJA

- CNBB Documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil n. 100. Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia.
- CNBB Documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil n. 105. Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade.
- AA *Apostolicam Actuositatem*. Decreto do Concílio Vaticano II, sobre o apostolado dos leigos.
- DA *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe
- DV *Donum Veritatis*. Instrução da Congregação para a doutrina da fé, sobre a vocação eclesial do teólogo.
- EG *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica, do Papa Francisco, ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.
- EN *Evangelii Nuntiandi*. Exortação Apostólica, do Papa Paulo VI, ao Episcopado, ao Clero, aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo.
- LF *Lumen Fidei*. Carta Encíclica aos Bispos, Aos Presbíteros, os diáconos, às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre a fé.
- LG *Lumen Gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja.
- VG *Veritatis Gaudium*. Constituição Apostólica, do Papa Francisco, sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas
- VD *Verbum Domini*. Exortação Apostólica pós-sinodal, do Santo Padre Bento XVI, ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja.